



Megacidades na perspectiva do capitalismo global: as novas tecnologias condicionando o desenvolvimento das redes urbanas nos BRICS.

Policy Brief #4
Núcleo de Desenvolvimento Urbano e Sustentabilidade
BRICS Policy Center / Centro de Estudos e Pesquisa BRICS

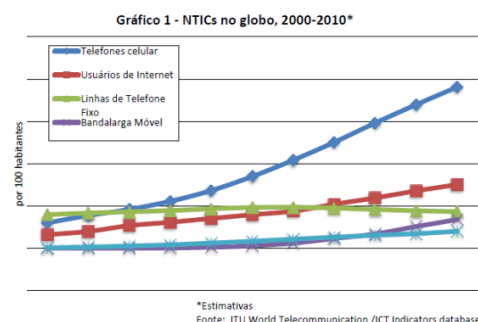
Maio de 2011

Mega-cidades na perspectiva do capitalismo global: as novas tecnologias condicionando o desenvolvimento das redes urbanas nos BRICS.

O presente trabalho é parte da construção de uma hipótese de pesquisa sobre as grandes cidades que tem por base a noção de semiperiferia. Como um lugar na configuração hierárquica e na divisão do trabalho no sistema mundial, a noção de semiperiferia será analisada a partir da transição sistêmica e do ajuste espacial global que se dirige ao leste asiático. Nesse sentido, o tema do desenvolvimento urbano será examinado à luz de uma análise comparativa no âmbito dos países BRICS, situando o fenômeno urbano metropolitano a partir das polarizações que definem as posições entre as redes de cidades tendo em vista, neste primeiro trabalho, a identificação das novas tecnologias de informação e comunicação – NTICs – como um dos vetores fundamentais que permitem articular as plataformas de cooperação e as estratégias de inserção internacional de Brasil, Rússia, China, Índia e África do Sul. Entende-se as NTICs como um elemento propulsor e condicionador das interações que permitem lidar com as transformações locais, nacionais e internacionais dos processos urbanos. A partir do *gráfico 1* é possível perceber o aprofundamento da centralidade das NTICs por meio da crescente expansão do número de usuários

no cenário global. Nesse cenário de conectividade global, a existência de redes de cidades é vinculada ao grau de conectividade e à capacidade de mobilidade virtual que, por sua vez, depende do grau de acesso à rede internacional de computadores.

Nosso objetivo específico nesse primeiro *policy brief* é dar um primeiro passo na construção da nossa hipótese sobre a mobilidade nas mega-cidades da semiperiferia através da análise da importância e do estado do desenvolvimento de redes telemáticas no processo de integração dos países BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Para sustentar essa reflexão, procuramos reunir um conjunto de indicadores das estratégias e custos de acesso ao mundo virtual que nos permita inferir sobre a atual capacidade de conectividade desses países, tanto no âmbito nacional total, quanto no âmbito de suas redes de cidades.



Os fenômenos urbanos metropolitanos

A questão urbana tem centralidade na modernidade-mundo, configurando a forma sócio-espacial e os modos de ocupação, apropriação e comando dos fluxos técnico-produtivos e dos fixos em matéria de infra-estrutura nas dinâmicas de territorialização pressionadas pela compressão do tempo acelerado sobre o espaço. As contradições do período global, e da dominação tecnocientífica do moderno sistema mundo, são sempre atravessadas pelas dinâmicas e dimensões dos circuitos territoriais horizontais do espaço urbano, configurando o cenário de tensão entre o poder hierárquico de fluxos verticais e os vetores horizontais de reprodução social cotidiana. A questão da forma estética, ética e política da cidade constituem o terreno decisivo da esfera cultural contemporânea, da produção de bens e serviços, na arte, nas linguagens, na arquitetura, no fluxo de imagens e de objetos, nos estilos e padrões de consumo, culminando na construção de identidades. Os fenômenos de crise, transição, experimentação, hibridismo, mestiçagem, assim como as formas de exclusão, separação, aniquilação, corruptibilidade, marginalização e medo fazem parte das variações situacionais, dos riscos e dos padrões vertiginosos de reflexividade e liquidificação dos processos, dos projetos, dos fenômenos e dos comportamentos. A cidade, como argumenta Saskia Sassen, é laboratório e campo de conflito entre os padrões de sociabilidade individual e coletiva e os modos de vida marcados pelo

universo da modernidade e das suas cisões (Saskia, 2010).

O fenômeno urbano está polarizado globalmente entre processos de redes de cidades com posição diferenciada nas gradações e escalas, de desenvolvimento desigual e de divisão de trabalho e das formas de circulação que vão do global ao local passando pelo nacional. O fenômeno urbano metropolitano está polarizado entre a imagem da “cidade global” e a metáfora do “planeta favela”, mas as tensões entre os vários mundos e as segregações espaciais colocam a questão urbana como conflito central e objeto de disputa para os paradigmas de direito vs. controle. Choques urbanísticos de ordem e promoção de direitos colidem no mundo marcado pelo declínio de políticas e programas públicos, em contraste com a profusão de projetos de competição e fragmentação do espaço. A cidade como centro político e como obra contrasta com o tecido social expandido dos objetos e processos difusos através de sua descentralização espacial e com a proliferação de fragmentos, na forma de territórios ou lugares arquipélagos. Topologias à parte, o fenômeno urbano remete a inúmeros desafios de aproximação entre as questões urbanas metropolitanas nos quatro continentes e nos cinco países.

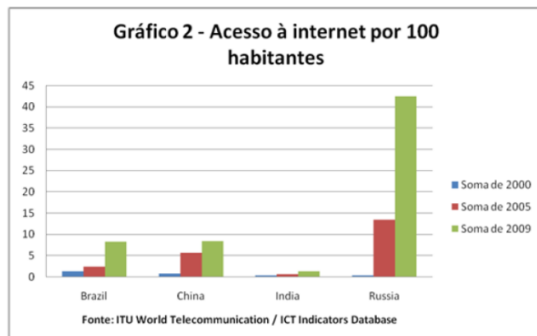
A noção de mega-cidade asiática, conforme definida por Aihwa Ong, articula um conjunto complexo de

questões que nos permitem pensar as enormes diferenças quando comparada às demais metrópoles dos outros países BRICS. A função central no projeto nacional que desempenham as megacidades – que combinam a endogeneização dos instrumentos e dos especialistas nas infraestruturas de conexão cibernética – nos levou ao esforço de levantar dados para uma análise de qualidade de um complexo de relações técnicas. Dado que a qualidade das NTIC são essenciais para dominar os fluxos de poder global que atravessam as redes de cidades, o tema do acesso para os cidadãos, governos e empresas no espaço virtual define muitas das condições para uma cooperação internacional entre as grandes cidades situadas em territórios marcados por configurações tão distintas. São as mesmas ferramentas que conectam pontos espacialmente distantes que permitem intensificar as interações práticas no âmbito produtivo, comercial, cultural e no acesso aos processos de participação nas esferas de decisão.

Segundo Aihwa Ong, o "mega" em megacidade refere-se menos ao tamanho da população urbana do que ao nível de ambição política investidos para a acumulação urbana de talentos estrangeiros e know-how criativo. As principais cidades da Ásia realizam enormes investimentos estatais, e elas estão cada vez mais planejadas como locais para a captura de circulação de

valores globais. Nelas se busca somar ações por interdisciplinaridade que geram uma "fertilização cruzada" capaz de atrair gestores de imóveis, profissionais e cientistas que podem ajudar a acelerar a acumulação de material e, capital simbólico. Mas quando os profissionais nômades tornaram-se cruciais para o papel e identidade da mega-cidade, o seu compromisso é delimitado no espaço e no tempo. Precisamos de um conceito alternativo da mega-cidade como um espaço nacional que ative uma forma "neoliberal" atrativa aos desejos de especialistas estrangeiros, de um know-how criativo para impulsionar a acumulação de capital (Ong, 2007).

O desenvolvimento de estruturas telemáticas nas mega-cidades, propulsionando a conectividade e mobilidade nesses grandes centros, seria central para a criação de um cenário nacional atrativo à mão de obra altamente especializada e ao capital global. É o caso de Hyderabad, cidade indiana também conhecida como HI-TECH City, cujo slogan "a techno township built like a computer: user friendly, upgradable" (Muppidi, 2004 p.79) faz parte de uma campanha para transformar a região de Andhra Pradesh numa espécie de *Silicon Valley* indiano, atraindo grandes empresas de NTICs e formando profissionais altamente qualificados. O gráfico 2 demonstra a progressiva expansão da capacidade de conexão dos países BRICS,



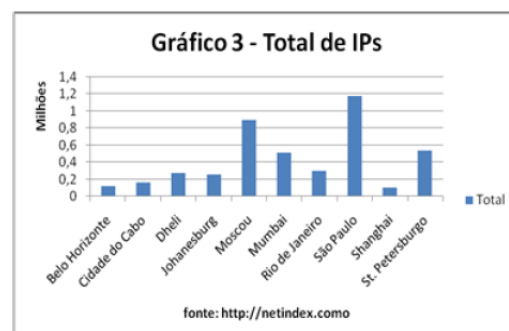
indicando que há um descompasso entre políticas de investimento que garantem conexão para um número maior de usuários, como se percebe no caso da Rússia, e iniciativas de desenvolvimento de centros regionais com grande poder de conectividade, enquanto no quadro geral a maior parte da população ainda é excluída do espaço virtual, como se percebe no caso indiano. Não foram encontrados dados significativos sobre a África do Sul.

Metropolização e tecnologia

A metrópole, a cidade região, a mega-cidade e a cidade global podem ser vistas sob o impacto de alguns processos técnicos que marcam a contemporaneidade e os fenômenos da metropolização, como medida de possibilidade de mobilidade social em função das novas dinâmicas de produção e reprodução social com base nas lutas, conflitos e transformações do meio técnico-informacional. A relação entre novas tecnologias e infra-estruturas de conexão em rede digital possibilita a formação de novos blocos e alianças sociais e técnicas capazes de gerar políticas urbanas ativas para a

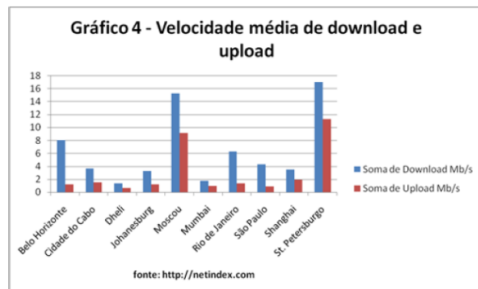
conformação das condições de articulação e inserção internacional das mega-cidades (da semiperiferia) na disputa com o paradigma das cidades globais.

O desenvolvimento desigual das novas formas de produção e reprodução, geradas pelas mutações sistêmicas vem criando novo espaço regional via novas formas de integração mundializadas mediadas pela conformação e expansão do ciberespaço. Nesse sentido, se destaca a necessidade de definir os rumos do acesso ao ciberespaço nos países da semiperiferia, em específico nos ditos países BRICS. A hipótese de que novas tecnologias de comunicação proporcionam maior mobilidade nas mega-cidades da semiperiferia ganha sentido quando abordamos os ritmos e a qualidade dos processos de acesso ao mundo das redes telemáticas (gráfico 3 e 4). São Paulo e São Petersburgo ilustram diferentes processos de desenvolvimento de estruturas telemática. Enquanto São Paulo, condicionada por seu gigantismo,



apresenta um alto número de usuários conectados, sua velocidade média é pequena se comparada a outras importantes cidades brasileiras, como Belo Horizonte e Rio de Janeiro. São

Petersburgo, por sua vez, apresenta um quadro inverso, alta velocidade de



conexão, porém reduzido número de usuários conectados. O equilíbrio entre a qualidade/velocidade da conexão e o número de usuários conectados ao mesmo tempo que suporta a rede telemática de uma cidade é um importante fator na inserção daquele centro numa rede de comunicação e acumulação global. Se por um lado o número de usuários indica um perímetro maior de alcance do mundo virtual, a baixa velocidade e a má qualidade dos serviços pode frustrar transações que dependem de alto e constante fluxo de trocas de dados, limitando a capacidade de conectividade, mesmo que essa seja mais distribuída entre a população.

A cidade na era do evento, do acontecimento e do espetáculo

A nova economia de eventos, as dinâmicas de virtualização e da comunicação partem da cidade espaço semântico, resultado das cadeias de significantes atravessadas pelas imagens. Os modos de ler, de escrever, de viver e falar da cidade, todos se fazem através de uma linguagem que tem como

suporte as ondas das redes e do mix de imagens e signos.

O mundo da cidade se estrutura através das linguagens, campanhas e mensagens que dominam a produção dos medos e dos prazeres na cidade no século XXI, como aceleração, interpretação, duplicação e terceira dimensão da vida expressa nas escalas e nas desmedidas, dos acontecimentos, das personalidades e dos diferentes shows da vida. A mobilização social e produtiva da cidade se realiza pelas novas máquinas e dispositivos em rede comunicacional e informacional.

Os indivíduos e a cidade são acionados pela relação entre as práticas rotineiras e repetitivas até na sua reinvenção e afetação pela atualização permanente, pelo presente espetacularizado pelos modos de consumir e se aproximar, pela via virtual que produz o encurtamento das distâncias. Na esfera da virtualização o acesso e a “igualdade” são promovidos pela via dos espetáculos (entretenimento, informação, comunicação e acontecimento) como mercadoria e vetor da acumulação de capital. A cultura popular e a cultura de elites passam do padrão de massas do capitalismo autoritário, pela via da possibilidade de escolhas (no século XX), para um mundo dos seres flexíveis atravessados pela capacidade de se conectar, de gerar mesclas que afetam os corpos, os corações e as mentes das populações. O mundo da vida é ativado pelas máquinas comunicacionais e

informacionais, pela mobilização produtiva e subjetiva de redes sociais, cujos efeitos são percebidos nas cidades dos empreendimentos imobiliários, dos muros pichados, das maratonas e dos mega-eventos.

Redes de cidades e redes de conhecimento

As redes de cidades são geradoras de potencialidades que dependem da acumulação de conhecimentos e processos de interações que mobilizem capacidades ativas de cooperação. São centradas no conhecimento que tem por base as articulações entre as muitas dinâmicas sócio-espaciais que geram as riquezas e alimentam os fluxos que, por sua vez, buscam se apropriar e definir os meios e os fins dos processos da geração dos usos, da distribuição, do consumo e das aplicações do excedente de bens e serviços. A possibilidade da construção de alianças globais com base na rede de cidades, com tanta diversidade quanto as que encontramos entre Rio de Janeiro, Moscou, Johannesburgo, Mumbai e Xangai, deve partir do referencial comum da necessidade de estratégias de conexão que leve em conta as diferenças entre as cidades em termos de acesso entre os cidadãos.

Numa primeira tomada de posição devemos considerar a mega-cidade chinesa como uma cidade que combina a construção de dinâmicas intensivas de

integração global via grandes projetos urbanos, via a mobilização da força de trabalho qualificado e de empresas intensivas em potencialidades para se articular no ciberespaço. As cidades região como Mumbai e Hyderabad na Índia, as metrópoles como São Petersburgo na Rússia, assim como, as metrópoles do Brasil e da África do Sul, incluindo suas megalópoles, são polarizadas pela forma paradigmática dominante da cidade global (Nova York, Londres, Tóquio), mas, devem se ligar aos desafios que são lançados desde o mega-ajuste de visão e a mega-escala tendo por foco a China. Desde a cúpula dos BRICS em Sanya na China, em abril de 2011, ficou evidente que devemos construir as informações com um novo recorte de comparação, entre esses países e na sua relação com os demais países do centro, o que é particularmente relevante para avançarmos “muito além da complementaridade”, mas um fator que deve ser estruturador das relações está no ritmo e nas condições que disporemos para interagir dentro dos novos requisitos técnicos e na intensidade de interações para acelerar nossa articulação pela via da cooperação ampliada, da cooperação em rede com base nas forças produtivas sociais e técnicas das NTIC de modo a aproximar empresas, governos, cidades, sociedades, universidades, comunidades e pessoas.

É senso comum entre os especialistas que o desenvolvimento de novas tecnologias

de comunicação, barateando e expandindo a capacidade de conexão global, é responsável pela emergência de novos sujeitos sociais e cenários políticos no complexo processo de globalização. Emergem diferentes formas de integração global que não passam, necessariamente, pela mediação e monopólio estatal, mas que não existem fora dele. Redes e alianças regionais se aliam a redes e centros de poder de outras partes do planeta, aprofundando relações entre sujeitos e atores que no passado não tinham como se comunicar, criando, assim, novos centros de poder.

Nesse novo contexto de conexões globais, as mega-cidades – lugares onde a estrutura física da conectividade virtual e do ciberespaço se desenvolve – assumem novo papel central na formação de uma cultura regional globalizada. Pensar as condições de acesso e democratização nos territórios é um dos vetores de aceleração das resistências e das capacidades de reorganizar os processos de apropriação e uso dos territórios, condição para o reconhecimento de outras formas de produção social dos territórios e da emergência do direito à cidade a partir de uma estratégia de nova centralidade da periferia. As mega-cidades são o espaço dessa dinâmica de constituição de alianças e de conformação do bloco social e técnico capaz de definir as combinações em matéria de políticas de desenvolvimento e estratégia

tecnocientífica, com base no protagonismo das classes populares no âmbito urbano dos países BRICS como suas especificidades. O processo de globalização, e, por sua vez, o desenvolvimento da capacidade de conexão, se realiza nos limites estruturais das mega-cidades e na relação que elas mantêm com as esferas de poder nacional.

Essa nova capacidade de conexão coloca em cheque a tese de que a globalização colabora apenas para a polarização e a concentração do poder do capital global pela desterritorialização, criando uma sociedade global plana e homogênea. É justamente a partir das novas alianças, proporcionadas justamente pela expansão global de tecnologias de comunicação baratas, que o território, e as cidades, se reafirmam como espaço político central para o desenvolvimento da globalização.

Bibliografia

- Muppidi, H. (2004). *The Politics of the Global*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Ong, A. (2007). Please Stay: Pied-a-Terre Subjects in the. *Citizenship Studies*, vol. 11, pp. 83 - 93.
- Saskia, S. (2010). *Sociologia da Globalização*. Porto Alegre: Artmed.

